

MEDICINA VETERINÁRIA: UMA PROFISSÃO MODERNA E ABRANGENTE

Eduardo Harry Birgel
APAMVET*

Alexandre Develey
APAMVET*



A Medicina Veterinária é uma das profissões regulamentadas por Lei e Decreto Leis específicos, no caso a **Lei N.º 5.517/68, dispondo** sobre o exercício da profissão de Médico Veterinário e cria os Conselhos Federal e Regionais de Medicina Veterinária e o **Decreto N.º 64.704, de 17 de Junho de 1969, aprovando** o regulamento do exercício da Profissão de Médico e dos Conselhos de Medicina Veterinária.

Os dispositivos legais mencionados, indiretamente, condicionaram a partir da segunda metade do século passado o ensino da profissão e as necessidades para a ideal formação dos Veterinários. Todavia ao revisarmos nosso passado e, principalmente da própria humanidade, demonstrou-se que a evolução e desenvolvimento da formação dos veterinários e o exercício profissional caminhou pari passu com o desempenho das civilizações e da humanidade.

As reminiscências encontradas demonstraram que seguramente, o reconhecimento das profissões se faz como um corolário e uma consequência da excelência de seu ensino.

❖ A Medicina Veterinária na pré-história

A Veterinária já acompanhava a evolução da humanidade na pré-história como registram as figuras rupestres encontradas na Europa, ou mesmo aqui no hemisfério sul nas cavernas da Serra da Capivara no Piauí.

***Era Cenozóica**, essa era geológica está dividida em dois períodos: Período Terciário há, aproximadamente, 60 milhões de anos atrás, quando surgiram as aves, várias espécies de mamíferos, além de primatas e Período Quaternário há um milhão de anos atrás, quando surgiu o ser humano.*

Entretanto as eras e a história podem apresentar outras divisões, a pré-história, caracteriza o período do aparecimento dos seres humanos na Terra indo até o aparecimento de civilizações que desenvolveram a escrita, que ocorreu há cerca de 3.500 anos a.C., período também chamado por muitos historiadores de história dos povos pré-letrados ou povos ágrafos. Esse período caracterizou-se pelos desenhos deixados nas cavernas, denominados de arte ou pinturas rupestres. Pelos desenhos e vestígios, o estudioso pode conhecer ou deduzir como os homens das cavernas comiam ou de que forma caçavam os animais. Nesse período o Auroque – Bos primigenius era amplamente distribuído na Europa, Ásia e Norte da África e registrados com belas apresentações rupestres do período Paleolítico, nas caverna de Lascaux (França) e de Altamira (Espanha) no hemisfério norte; outras figuras representativas foram encontradas nas Cavernas do Parque Nacional Boqueirão da Pedra Furada na Serra da Capivara - PI/BR (onde predominam figuras de pequenos animais e de outros não mais existentes na região, pois grandes ruminantes não existiam na América do Sul). Os derradeiros representantes da espécie foram dizimados no século XVII, nas florestas de Jaktorów, na Polónia, onde foram homenageados com um monumento.

***APAMVET – Academia Paulista de Medicina Veterinária**

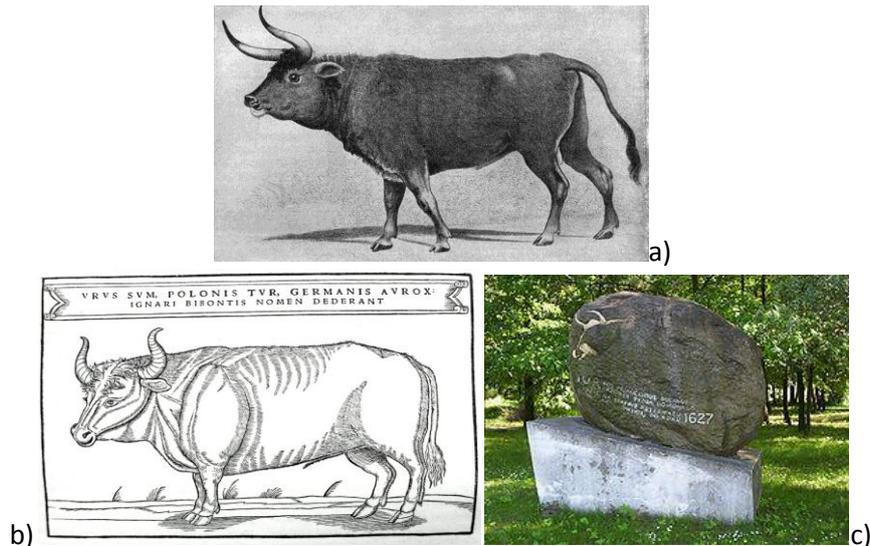


Figura 1 - *Bos taurus primigenius* – a) quadro de Ausburg 1927; b) gravura de Sigismund von Herberstein de 1549; c) monumento na floresta de Jaktorów/Polônia – 1627 extinção dos Auroques.



Figura 2 - *Bos primigenius*
Caverna de Altamira - ESP.

Figura 3 - Arte rupestre - símbolo do Parque
Nacional da Serra do Capivara / Piauí.

❖ *A Medicina Veterinária na antiguidade*

No período Neolítico entre 8.000 e 3.000 a.C. os homens domesticaram os animais e aprenderam a criá-los, usando-os como fonte de alimentos, para serviços e como produtores de materiais de uso cotidiano. Nessa convivência os pastores ou protetores dos animais e das criações passaram a tratá-los na ocorrência das enfermidades. Ao final do Período, já existiam centros urbanos e algumas civilizações dominavam a escrita – que passaria a ser o registro reconhecido pelos historiadores para comprovação de seus estudos. Atribui-se aos Sumérios o desenvolvimento de um tipo de escrita, chamada **cuneiforme**, que inicialmente, foi criada para registrar transações comerciais, sendo também usada pelos sírios, hebreus e persas. Na mesma época, outro tipo de escrita, a hieroglífica desenvolvia-se no Egito.

A medicina veterinária é tão antiga quanto a ligação dos seres humanos com os animais, cabendo destacar que há 3500 anos a.C. os egípcios se mostravam destros manejadores dos grandes animais ruminantes. E, a “*ars veterinaria*” já constava nos escritos dos *Papiro de Kahoun*, que realmente, consiste num conjunto de fragmentos de diversos papiros, supostamente datado de 1850 a.C.. O papiro escrito em hierático, antiga escrita foi traduzido por Francis Llewellyn Griffith no final do século XIX. Sete fragmentos se relacionavam à matemática, mas havia uma seção relacionada à Medicina Veterinária, com a referência às drogas utilizadas no tratamento dos animais (cobre

carbonato de sódio - Natron [carbonato de sódio decaidratado com 17% de bicarbonato de sódio], alúmen [a conhecida pedra-ume – sulfato duplo de Alumínio e Potássio]. Na Babilônia, nos códigos *Eshn Unna* (1900 a.C.) e de Hamurabi (1700 a.C.), aparecem as denominações de “**médicos para bovinos**”, os atuais Buiatras; havendo também referências ao pagamento e atribuições dos *médicos dos animais*. Na Grécia, no século VI a.C., a profissão do Médico Veterinário era chamada de *hipiátrica e*, na Antiga Roma, alguns tratados foram dedicados às doenças animais, como os de Catão e de Columela. Neste tratado de autoria de Columella (*Lucius Junius Moderatus Columella – sábio agrônomo e agricultor, contemporâneo de Nero e autor várias obras sobre agro-pecuária: “De Re Rustica” ou Das coisas do campo e “Liber de arboribus” ou Livro das árvores*).

❖ A Medicina Veterinária na fase contemporânea

A passagem da Medicina Veterinária da antiguidade clássica para os tempos da considerada fase moderna ou contemporânea foi obscura e desprovida de acontecimentos marcantes. O período correspondeu à Idade Média ou era medieval, sendo tradicionalmente delimitado por eventos políticos: ter-se-ia iniciado com a destruição do Império Romano do Ocidente, no século V (em 476 d. C.), e terminado, juntamente com o Império Romano do Oriente, com a Queda de Constantinopla, no século XV (em 1453 d.C.) ou com a descoberta da América (em 1492).

Na idade Média (800 a 1700 a.D.) houve a estagnação dos estudos relacionados às ciências e a estudos humanísticos, com maléficos resultados para a pecuária e, justamente, quando a população necessitava do aumento da produção de alimentos. A pecuária sofreu percalços de graves enfermidades infecciosas ou parasitárias. Na época, descreveram-se inúmeras “pestes” que dizimaram os rebanhos bovinos da Europa, dando-se ênfase à Peste Bovina, Febre Aftosa, Carbúnculo e a Pneumonia. O tratamento dos bovinos enfermos eram realizados por elementos das castas inferiores da sociedade, como pastores, boiadeiros, ferreiros entre outros, sendo a terapia empírica, dominada por superstições e fetichismos, com ativa participação da Igreja Cristã, que ao se adaptar aos costumes da época recomendava oferendas votivas, benções e procissões implorativas.

No início da idade Moderna, após a “Guerra dos 30 anos” – envolvendo vários países em combate ao Sacro Império Romano/Germânico com grande rivalidade, com objetivo direto de impedir o furor expansionista da Dinastia Habsburgo. Apesar da guerra localizar-se predominantemente na Alemanha, teve vários períodos: Palatino-Boêmia 1618 a 1624; Período Dinamarquês 1624 a 1629 e Período Sueco 1630 a 1648, houve um crescente aperfeiçoamento dos serviços da Medicina, inclusive da Veterinária, resultando na necessidade de ensinar os serviçais a tratarem dos animais feridos ou enfermos: talvez esses momentos constituíram os primórdios do ensino formal da Veterinária.

Assim surgiu a necessidade de formação dos veterinários nos primórdios de nossa historia denominados de: alveitar ou albeitar [médico de cavalos, curandeiro de doenças de animais ou ferrador de cavalgadas] – em Portugal e na Espanha, respectivamente; écuier [escudeiro] – na França; Rossarzt [atualmente hipiatra] ou Stallmeister [cavalição atualmente técnico em criação e manejo de equinos] respectivamente, na Áustria e Alemanha; marescalci ou marechalcho [marechal] nas regiões que hoje compõem a Itália e shepherd [pastor] nos países de língua inglesa.

Os mencionados profissionais estavam sendo, gradativamente, melhor preparados por um treinamento prático – num sistema de maestria, por acompanhamento das atividades do mestre. Mas, com o passar do tempo houve motivação e mesmo necessidade da criação de Institutos de Veterinária; alguns dedicados ao ensino da nova profissão, desde a sua implantação. E, assim iniciaria a era moderna ou contemporânea da história das civilizações e da Medicina Veterinária e a criação dos paradigmas dessa profissão.

O Renascimento ou Renascença pode ser considerado como a fase de transição entre as trevas da era medieval e o iluminismo, preparatório da era contemporânea, mas na realidade foi o longo período de readaptação da humanidade aos novos conceitos da civilização e de vivência das populações. O ideal do período renascentista foi o do retorno aos padrões da Antiguidade: “O homem passou a ser o parâmetro do mundo”, caracterizando sua história por grandes revoluções; a visão humana modificou-se radicalmente, pois no período anterior, todos os campos do saber humano tendiam a voltar-se para as explicações teocêntricas, ressurgindo os estudos de ciências humanas, tornando-se o homem, ao mesmo tempo o objeto de observação e o observador!

Com o conjunto de idéias, os renascentistas implantaram ou adaptaram ao seu modo de ver alguns conceitos, que na prática impulsionaram de forma efetiva a ciência de modo a tornar o histórico período no marco inicial da ciência moderna. Mas para contrapô-los surgiu um grande e rico debate teórico entre os eruditos, que só teria resolução definitiva no consenso irretorquível do ideário do Iluminismo do século XVII: era a afirmação irresistível e definitiva da importância da ciência, marcando assim positivamente o “Século das Luzes”.

A história confirma as realizações desse período, pois foram inventados inúmeros equipamentos e instrumentos científicos, conhecidas e elucidadas diversas leis naturais ou objetos físicos até mesmo os perfis do planeta, modificando os mapas pós descobrimentos resultantes das grandes navegações, levando consigo a física, a matemática, a medicina, a astronomia, a filosofia, a engenharia, a filologia e vários outros ramos do saber, cabendo grande destaque à Medicina e sua sempre companheira a Veterinária - com ênfase para algumas especialidades como a fisiologia e anatomia topográfica. Esses campos do saber atingiram um nível de complexidade, eficiência e exatidão sem precedentes, cada qual contribuindo para um crescimento exponencial do conhecimento total, o que levou a se conceber a história da humanidade como uma expansão contínua e sempre para melhor.

No século XVII o francês René Descartes concebeu um modelo de verdade incontestável, que poderia ser alcançada através de duas habilidades inerentes ao homem: **duvidar** e **refletir**. No final desse período surgiram proeminentes estudos no campo das ciências da natureza que também iriam influenciar profundamente o pensamento iluminista, que abriria espaço para Idade Contemporânea da história da humanidade e de nossas civilizações.

A história ou Idade contemporânea compreende o espaço de tempo que vai da revolução francesa (1768) aos nossos dias. A idade contemporânea está marcada de maneira geral, pelo desenvolvimento e consolidação do regime capitalista no ocidente e, conseqüentemente pelas disputas das grandes potências europeias por territórios, matérias-primas e mercados consumidores. E, no âmbito da Medicina Veterinária pelo aparecimento de Centros ou Escolas de Ensino da “*ars veterinariae*”, inicialmente, na região ocidental do hemisfério norte e depois nos demais países europeus e, mais tardiamente, também, no hemisfério sul.

❖ O Ensino da Medicina Veterinária no mundo contemporâneo

Segundo registros históricos a evolução cronológica da fundação de Escolas de Veterinária, no mundo, destacando apenas aquelas pioneiras, é a seguinte: **Escolas de Veterinária de Lyon e Alfort** - na França, respectivamente, em 1762 e 1765; Curso de Veterinária de Viena – Áustria, em 1768, a **Escola de Veterinária de Turim** - na Itália, em 1769; Ensino de Veterinária em Skara, na Suécia em 1775; **Escola Superior de Veterinária de Hannover**, - na Alemanha, em 1778; Curso de Veterinária em Budapeste – Hungria em 1781; Royal Veterinary College em Londres na – Gran Bretanha e, em 1791 na Espanha / região de **Aragón**, em 1792, instalou-se a Escola de Veterinária, tendo como professores os "mariscalis"- veterinários do Exército; somente, em 1830, instalou-se, em Lisboa, a **Real Escola de Veterinária**, por decisão do Rei Dom Miguel. Ressalte-se que a implantação desses Cursos, no hemisfério sul, ainda foi mais tardia.

A Medicina Veterinária moderna, organizada a partir de critérios científicos, começou a desenvolver-se com o surgimento da primeira escola de Medicina



Veterinária do mundo, em Lyon-França, criada pelo hipologista e advogado francês Claude Bourgelat (assim definido por historiadores franceses: *Claude Bourgelat, né à Lyon le 11 novembre 1712, mort le 3 janvier 1779, est un vétérinaire français*), a partir do Édito Real assinado pelo Rei Luiz XV de Bourbon – o Bem Amado, em 04 de agosto de 1761. Este pioneiro centro de formação de Médicos Veterinários iniciou o seu funcionamento com oito estudantes,

Claude Bourgelat apenas em 19 de fevereiro de 1762, sendo considerado o primeiro Curso formal do ensino em Medicina Veterinária.

Em 1766, também na França, foi criado o segundo curso de Veterinária, idealizado e organizado por Claude Bourgelat na Escola de Alfort, em Paris. No desenvolvimento de suas atividades recebeu a colaboração de eminentes luminares das ciências biológicas e médicas, muitos dos quais considerados Veterinários por atuações relevantes em áreas específicas da Medicina Veterinária, entre eles destacaram-se: Louis Pasteur; Camille Guérin; Albert Calmette e Gaston Ramon.

A partir de então, com a compreensão crescente da importância social, econômica e política da nova profissão, outras escolas foram criadas em diversos países, a exemplo da Áustria, em Viena, (1768), Itália, em Turim, (1769), Dinamarca, em Copenhagen, (1773), Suécia, em Skara, (1775), Alemanha, em Hannover, (1778), Hungria, em Budapeste, (1781), Inglaterra, em Londres, (1791), Espanha, em Madri, (1792). Em números podemos destacar que no final do século XVIII existiam 19 Escolas de Veterinária, das quais 17, ainda estão em pleno funcionamento.

❖ O Ensino da Medicina Veterinária no Brasil.

Com a chegada da família real ao Brasil, em 1808, nossa cultura científica e literária recebeu novo alento, pois até então não havia bibliotecas, imprensa e ensino superior no Brasil Colônia. Em consonância com os desígnios da metrópole, no Brasil foram criadas e implantadas, inicialmente, as Faculdades de Medicina (1815), Direito (1827) e a de Engenharia Politécnica (1874).

Quanto ao ensino das Ciências Agrárias, os prenúncios podem ser vislumbrados na criação do cargo de Veterinário no 1º Regimento de Cavalaria do Exército, quando em 1810 o Conde Linhares – Ministro de Estado dos Negócios Estrangeiros da Guerra da Corte de D. João VI, para a seguir em 31 de outubro de 1818 o Imperador nomear e designar o súdito português João Baptista Mancouet para criar o Curso de Alveitaria no 1º Regimento de Cavalaria do Exército.

A seguir em 1859, no Brasil Imperial, D. Pedro II, criou o Imperial Instituto de Agricultura Bahiano (Decreto 2.500 de 1º de janeiro de 1859) e a seguir, em 1860,



semelhantes Institutos no Rio de Janeiro, Pernambuco, Sergipe e Rio Grande do Sul, objetivando solucionar a deficiente qualificação da mão de obra da agro-pecuária e o atraso da tecnologia agrícola do País. Alguns desses Institutos, apesar do irregular desenvolvimento, com inúmeras modificações e interrupções deram origens a Cursos e Faculdades de Agronomia, como ocorreu na UFBA, na Bahia e na UFPel, no Rio Grande do Sul. (A

Figura representa o quadro de Formatura dos Engenheiros Agrônomos da Turma de 1933 da Escola de Agronomia Eliseu Maciel da UFPel-RS)

Mas o real interesse pelo Ensino Superior da medicina Veterinária foi despertado quando o Imperador D. Pedro II retornou de sua viagem a França, em 1875, quando visitou a Escola Veterinária de Alfort, impressionando-se com uma Conferência ministrada pelo Veterinário e Fisiologista Collin. O sábio e visionário Imperador vislumbrou, então, que a Medicina Veterinária moderna deveria ser organizada a partir de critérios científicos estabelecidos após o surgimento das Escola de Veterinária criadas e implantadas por Claude Borgelat em Lyon e Alfort. Ao regressar ao Brasil, tentou propiciar condições para a criação de entidade semelhante no País, mas por mais reais que fossem seus esforços os projetos não alcançaram o desejado sucesso.

Somente no início do Século XX, já sob regime republicano, nossas autoridades decretaram a criação das duas primeiras instituições de ensino de Veterinária no Brasil, a Escola de Veterinária do Exército, pelo Dec. nº 2.232, de 06 de janeiro de 1910 e a Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária, através do Dec. nº 8.919 de 20/10/1910 (implantada em 04/07/1913), ambas na cidade do Rio de Janeiro.

A Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária-RJ – As raízes do ensino da Medicina Veterinária, no Brasil, estão assentadas no Estado do Rio de Janeiro, na oportunidade Capital do Brasil, onde centralizavam-se os movimentos culturais do nosso País, no início do Século XX. Em 1910, em 20 de outubro de 1910, pelo Decreto 8.910, foi criada a Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária; todavia, apenas em 4 de julho de 1913 iniciou suas atividades, no Palácio do Duque de Saxe, em São Cristóvão, bairro do Rio de Janeiro. Dois anos após o início de suas atividades escolares, a instituição foi fechada sob alegação de problemas financeiros para sua manutenção. Mas, logo em seguida, foi determinada sua transferência para um município do interior do Estado – Pinheiral (março de 1916), onde permaneceu até 1918, momento em que se optou pela transferência da Unidade para um local mais adequado, no Horto Florestal, em Niterói, aí permanecendo até 1927. Neste ano retornou para a cidade do Rio de Janeiro, instalando-se na Avenida Pasteur, na Praia Vermelha. Apesar de ter havido inúmeras transferências do local das instalações físicas, manteve-se a denominação da Escola, até ser desmembrada, surgindo a **Escola Nacional de Agronomia** (subordinada à antiga Diretoria do Ensino Agrícola do

Departamento Nacional de Produção Vegetal), a **Escola Nacional de Veterinária** (vinculada ao Departamento Nacional de Produção Animal do Ministério da Agricultura) e a Escola Nacional de Química (subordinada ao então Ministério da Educação e Saúde).

Em março de 1934, o decreto no 23979 aprovou o regulamento comum das Escolas Nacionais de Agronomia e Veterinária considerando que estas Escolas seriam estabelecimentos-padrão para o ensino de Agronomia e Veterinária. Em 14 de dezembro de 1936, as Escolas se tornaram independentes e um Decreto-Lei determinava que a Escola Nacional de Agronomia se integrasse ao **Centro Nacional de Ensino e Pesquisas Agronômicas** - CNEPA, enquanto a Escola Nacional de Veterinária ficava subordinada ao Ministério de Estado da Agricultura. Pode-se considerar que o Decreto-Lei 6.155, de 30 de dezembro de 1943, ao reorganizar o CNEPA, marcou o nascimento da Universidade Rural. Em fevereiro de 1948 houve transferência para sua localização definitiva num campus do distrito de Seropédica, (Km-47 da antiga Rodovia Rio-São Paulo), possibilitando a criação, inicialmente, da Universidade Rural do Brasil (1963), a seguir transformada em Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (1965), transferindo-se a vinculação dos Cursos do Ministério da Agricultura para o Ministério da Educação e Cultura (maio de 1967).

A Escola de Veterinária do Exército - No Brasil, os primeiros trabalhos científicos abrangendo a patologia comparada foram realizados pelo Capitão-Médico João Moniz Barreto de Aragão, cognominado Patrono da Veterinária Militar Brasileira, e fundador da Escola de Veterinária do Exército (instalada em 17/06/1914). Na implantação desse curso superior de formação de Veterinários houve a efetiva atuação de três Missões Militares Francesas: respectivamente, nos períodos de 1908 - 1911; 1913 - 1914 e 1920 - 1933. Além do mais, cabe destacar que o ilustre militar foi o organizador do Serviço de Defesa Sanitária do Ministério da Agricultura, em 1910 – cujo centenário será comemorado no 37º Congresso Brasileiro de Medicina Veterinária. A vida da Escola de Veterinária do Exército foi efêmera, sendo desativada em 1937, pois não teria condições de se adaptar às normas determinadas no Decreto nº 23.979 de oito de março de 1934, que reconheceu o currículo da Escola Nacional de Veterinária como Padrão para servir de referência às outras Escolas Superiores com subordinação ao Departamento Nacional de Produção Animal. A legislação foi complementada em 1938, pelo Decreto nº 933 determinando que todas as Escolas de Agronomia e Veterinária que não pudessem preencher e atender seus requisitos cessassem suas atividades até dezembro de 1941. Em 1937, a Escola de Veterinária do Exército graduou sua derradeira turma e transferiu os demais estudantes para a Escola Nacional de Veterinária e se transfigurou, criando a Escola de Aplicação do Serviço de Veterinária do Exército, passando a ministrar um curso de um ano a Veterinários formados por outras Faculdades.

A Escola Agrícola e Veterinária do Mosteiro de São Bento de Olinda (1912)

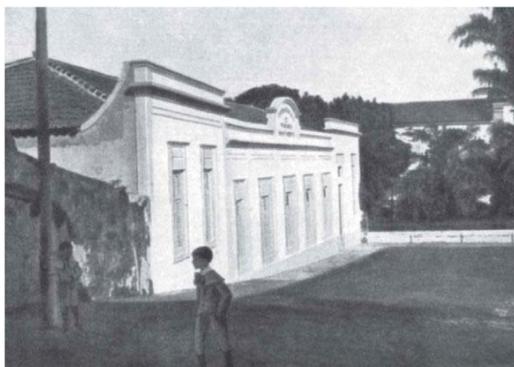


Figura 1: Escola Superior de Medicina Veterinária São Bento de Olinda (Primeiro relatório... 1916)

Em 15 de novembro de 1911, Abade D. Pedro Roeser - Prior da Congregação Beneditina Brasileira do Mosteiro de São Bento, em Olinda-PE, apresentou a idéia da criação de um estabelecimento destinado ao ensino teórico e prático das ciências agrárias, ou seja, Agronomia e Veterinária. As escolas teriam

como padrão de ensino as clássicas escolas agrícolas da Alemanha, as "Landwirtschaft Hochschule", com currículos semelhantes aos das congêneres alemãs de Munique e Halle. O abade D. Pedro Roeser reapresentou a

proposta da criação dos cursos, em 3 de julho de 1912, na reunião plenária dos religiosos do Mosteiro de São Bento, em Olinda (Pernambuco). A proposta da fundação de uma escola agrícola foi aprovada por unanimidade. Na mesma oportunidade foi decidido que os lentes para a referida escola seriam os próprios monges, e seriam convidados dois professores europeus para instruir os futuros monges professores. Entre oito candidatos, foram escolhidos o professor de medicina veterinária Hermann Rehaag, (Prussiano, estudou na Universidade de Giessen, diplomando-se na Universidade de Berlim em 1911) e o professor de ciências naturais e de agricultura Johan Ludwig Nikolaus (Austriaco formado na Escola Superior de Agricultura de Czernowitz - Áustria).

A seleção dos estudantes, inicialmente, para o curso preparatório foram abertas em cinco de fevereiro de 1913, e as atividades de ensino com os matriculados iniciaram-se em 1º de fevereiro de 1914. O prédio que abrigaria a Escola foi inaugurado no dia 14



de fevereiro de 1914, contando com laboratório químico, hospital para animais e um estábulo contíguo para servir de Posto de Isolamento, e sala de cirurgia. A média anual da casuística hospitalar era de 130 animais de diferentes espécies, que haviam sido hospitalizados, dando aos monges beneditinos e aos estudantes boas oportunidades de aprendizado. Também cuidaram, os

1º Hospital Veterinário do Brasil –

Esc. Sup. Med. Vet. São Bento/1914

de possibilitar o trabalho dos estudantes no Matadouro Modelo e no Posto de Fiscalização de Leite e de Estábulos do Recife. Apesar, do novel Curso estar iniciando suas atividades, em 1915 houve mudança de sua denominação, passando a ser - Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária de São Bento (1915)

Outro ponto marcante, na história da pioneira Escola de Veterinária de Olinda foi o fato de, um ano antes do início oficial das aulas, a congregação apreciou e aprovou o pedido de matrícula do Senhor Dionysio Meilli. O postulante era farmacêutico, formado pela Faculdade de Medicina e Farmácia da Bahia e por ser portador de outro diploma de Curso Superior, sua solicitação foi deferida, em 15 de janeiro de 1913. De acordo com a legislação vigente o solicitante foi dispensado de inúmeras matérias equivalentes do Curso de Farmácia. Além do mais, a Escola decidiu oferecer-lhe aulas particulares, com Professor indicado pela Congregação. Após a intensiva preparação Dionysio Meilli, que fora dispensado das provas escritas por ser já diplomado em farmácia, apresentou um preparado anatomopatológico, fez a regular inspeção de um animal abatido no matadouro de Olinda, com o respectivo parecer por escrito, habilitando-se assim ao exame oral e sendo aprovado, fez jus ao diploma, sem a necessidade de cumprir os quatro anos previstos para o Curso. Em 13 de novembro de 1915, em reunião da Congregação da Escola, era outorgado o primeiro grau de Médico Veterinário no Brasil. É oportuno destacar que o Veterinário Dionysio Meilli, a seguir, seria integrado como

Abades e seus orientadores alemães,

docente da Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária de São Bento, lecionando a disciplina de Farmacologia, Farmacognosia e Terapêutica (1913-1915). Em de 1917, o programa da Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária de São Bento foi desmembrado permanecendo curso de veterinária em Olinda, cujo estabelecimento passou a se chamar Escola Superior de Veterinária São Bento (1917) Entre os formados nas nove primeiras turmas da Escola Superior de Medicina Veterinária de São Bento (24 Veterinários formados), encontram-se alguns Veterinários que foram Professores Catedráticos Escola Superior de Medicina Veterinária da Universidade Rural de Pernambuco, implantada em 1950, cabendo destacar o Professores Dr. Guilherme Álvares de Carvalho [Turma de 1919] e Dr. José Wanderley Braga [Turma de 1918] (*Que por todo o serviço prestado à Medicina Veterinária no Nordeste e no Brasil, tornou-se, Patrono da 2ª Cadeira da Academia Brasileira de Medicina Veterinária [Patrono - Wanderley Braga [Turma de 1923]-representado pelo Acadêmico Percy Infante Hatschbach e Patrono da Cadeira nº 15 da Academia Pernambucana de Medicina Veterinária*). Além dos retro citados não poderíamos nos esquecer do Professor Antonio Augusto Brandão docente da disciplina de Propedêutica, Patologia e Clínica Médica da antiga Escola de Medicina Veterinária de São Paulo e Med. Vet. Anatólio Djalma Caldas [Turma de 1919], organizador de pioneiro Hospital Veterinário para cães e gatos na cidade de São Paulo. Apesar do planejamento minucioso, do apoio dos Professores alemães, do entusiasmo e da dedicação dos monges beneditinos, a Escola teve uma vida efêmera, encerrando suas atividades em 29 de janeiro de 1926 e, nos cerca de dez anos de existência foram diplomados 24 Veterinários.

O Ensino da Medicina Veterinária em São Paulo (1919)

O Curso de Medicina Veterinária em São Paulo deve ser considerado como o sexto a ser criado no Brasil e o segundo, ainda em plena atividade, pois quatro faculdades foram desativadas entre 1925 e 1942 (Escola Superior de Veterinária São Bento/PE; Escola de Medicina Veterinária do Exército/RJ; Escola de Medicina Veterinária de Pouso Alegre/MG e Escola Superior de Agronomia e Medicina Veterinária de Belo Horizonte/MG).

Segundo relatos inseridos em artigos na Revista de Zootecnia (janeiro/março de 1970) - "Número Especial dedicado ao Histórico do Departamento de Produção Animal e sua transformação em Instituto de Zootecnia", demonstraram, que tanto o Engenheiro Agrônomo Mário Brandão Maldonado, bem como o Prof. Hector Raquet (engenheiro



Figura 4 Prédio do Instituto Vacinogênico (1894)

Rua Pires da Mota nº 1, atual 159.

agrônomo/Gembloux - 1884 e médico veterinário, por Alfort - 1888) e o Engenheiro Agrônomo Louis Misson, estimularam a implantação do ensino de Medicina Veterinária, em São Paulo. Assim, eles foram inspiradores da criação do **Instituto de Veterinária**, no Instituto Butantan (criado pela Lei nº 1597 de 31 de dezembro de 1917), subordinando-o à Secretaria da Agricultura Comércio e Obras, cuja

Veterinária. Além do mais, seria o Instituto responsável pelo controle e extinção de insetos nocivos à agricultura. É de se ressaltar que o Dr. Vital Brasil manifestava-se contrário à vinculação do Ensino da Veterinária ao Instituto Butantan. A lei, ainda, cogitava a construção de enfermarias, biotérios, aviários, bem como, instalações para exercício da Clínica Veterinária e para pesquisas microbiológicas.

O Instituto foi remodelado e ampliado, anexando-se a ele, pela Lei 1695-C de 18 de dezembro de 1919, um Curso de Veterinária, em três anos. Assim sendo, essa data deveria ser marcada como o início do ensino da Medicina Veterinária no Estado de São Paulo e que após inúmeras transformações e reformulações, daria origem ao Curso de Medicina Veterinária da Universidade de São Paulo.



O curso, a ser ministrado pelo Instituto de Veterinária, localizava-se na cidade de São Paulo-SP, nos próprios do Instituto Butantan, iniciando suas atividades em 1920, tendo tido, entretanto, em 1923, suas matrículas suspensas. Em 1922, na 1ª turma, formou-se Alexandre de Melo, que, em 1931, exerceu, também, a Diretoria da Escola de Medicina

Veterinária, que passou, em setembro do mesmo ano, para o Departamento de Produção Animal (da Secretaria de Negócios da Agricultura).

Em 1923, entre os quatro veterinários formados, encontrava-se o Prof. Dr. Gabriel Sylvestre Teixeira de Carvalho que, no decorrer de suas atividades, viria a ser Professor Catedrático e Diretor da Faculdade de Medicina Veterinária, além de magnífico Reitor da Universidade de São Paulo.

A Estrutura do Curso de Veterinária do Instituto de Veterinária, anexo ao Instituto Butantan, foi remodelada, conforme a Lei nº 2.354, de 31 de dezembro de 1928, sancionada pelo Presidente do Estado de São Paulo Dr. Julio Prestes de Albuquerque, tendo, como Secretário dos Negócios da Agricultura, Indústria e Comércio do Estado de São Paulo, o Dr. Fernando Costa, criando-se a Escola de Medicina Veterinária do Estado de São Paulo, com quatro anos de duração.

A subordinação da Escola passou, em 1931, à Diretoria de Indústria Animal, obedecendo a recomendações da Comissão Especial, presidida pelo Prof. Dr. Alcides da Nova Gomes, sendo o curso instalado no atual Parque da Água Branca que, em seu nome, homenageia o ilustre brasileiro, nascido em Pirassununga - Dr. Fernando Costa. As medidas, recomendadas e tomadas, aumentaram a demanda de estudantes interessados na Medicina Veterinária, tanto que, em 1931, matriculavam-se, na 1ª série, 37 estudantes e, em 1934, a Escola contava com um total de 181 estudantes. Esta importante entidade do Ensino da Medicina Veterinária, na história desta profissão que nós vivenciamos em mais de dois terços de sua existência, já a ouvimos ser, carinhosamente, chamada de Antiga Escola de Veterinária, para a diferenciar da nova, sob a égide da Universidade de São Paulo e outras vezes, jocosamente, por considerá-la obsoleta e antiquada, emitia, após cumpridos os 4 anos de curso, o título de Médico Veterinário. A lei, que criava, para Veterinária e Agronomia, normas de supervisão, baseadas nas "Escolas padrão ou modelo", autorizou a Superintendência do Ensino Agrícola e Veterinário (SEAV), do Ministério da Agricultura, a atuar como órgão

fiscalizador de todas as escolas destas áreas do conhecimento humano e a registrar os Diplomas de Veterinários e Agrônomos, capacitando-os, então, para o exercício profissional. Os diplomas obtidos, tanto na antiga Escola, como na nova Faculdade de Medicina Veterinária, eram, apostilados, com um carimbo, esclarecendo, para a questão de direitos, que o título de Médico Veterinário era equivalente e correspondia ao de Veterinário.

A Escola de Medicina Veterinária, pela reforma de 1931, além de estabelecer a privatividade do exercício, em algumas cátedras do curso e de suas instalações no Parque da Água Branca, mantiveram a ocupação, através de suas disciplinas de Clínicas e de seu hospital, as instalações da Rua Pires da Mota nº 1 (segundo Stopiglia, 1962). Sem polemizar e sem querer contestar o ilustre professor, cabe a afirmação, que entre 1954-1959, os autores do presente artigo estudaram, na Faculdade de Medicina Veterinária, sita à Rua Pires da Mota, sendo 159 a numeração definitiva.

Em 1934, a Escola de Medicina Veterinária foi incorporada à recém criada Universidade de São Paulo. Na ocasião da incorporação houve discordância do corpo discente sobre o privativo exercício da docência e em certas áreas do exercício profissional. A situação ficou conturbada gerando manifestações e greves dos estudantes, porém as opiniões não puderam ser elucidadas de forma definitiva, merecendo o assunto melhores esclarecimentos.

A Faculdade de Medicina Veterinária foi criada, na Universidade de São Paulo, pelo Decreto nº 6874 de 19 de dezembro de 1934, promulgado pelo Interventor Federal no Estado de São Paulo, Armando de Salles Oliveira, para ministrar o ensino da Medicina Veterinária, em um curso de quatro anos, compreendendo as disciplinas referidas no currículo da Escola Nacional de Veterinária - RJ, considerada "Escola padrão ou modelo", para tal ensino. As disciplinas foram distribuídas em 16 cátedras, além do mais determinava o número de professores catedráticos (16), assistentes de clínica ou de laboratório (18), associados a um preparador e um farmacêutico e outros 29 funcionários.

Em 15 de março de 1935, o Dr. Armando de Salles Oliveira, Interventor Federal no Estado de São Paulo, usando das atribuições que lhe eram conferidas, assinou o Decreto nº 7016, pois havia necessidade de modificar o art. 4º, referente provimento das Cátedras com aproveitamento dos professores que gozavam de vitaliciedade e pertencentes à antiga Escola, para o ensino das disciplinas que, anteriormente, ensinavam.

Em 1935, São Paulo tinha duas Escolas ou Faculdades: a antiga a ser extinta, que não ofereceria mais vagas para seleção de novos estudantes, formando sua última turma em 1937 e a nova Faculdade, anexada à Universidade de São Paulo, que teve sua primeira turma inscrita em 1935. Na oportunidade o primeiro ano do Curso de Medicina Veterinária da FMV/USP tinha 37 estudantes, sendo 32 selecionados pelo vestibular da Antiga Escola - que seria extinta e apenas 5 outros estudantes, aprovados segundo os moldes estabelecidos pela Universidade de São Paulo. Destes estudantes, 9 completaram os estudos, destacando-se o nome de futuros e ilustres docentes desta Casa: **Euclides Onofre Martins** (Professor Catedrático da 9ª Cadeira – Anatomia Patológica – Patologia Geral e Especial); **Laerte Machado Guimarães** (Professor Catedrático da 13ª Cadeira - Doenças Infecciosas e Parasitárias), **Arnaldo Costa** (Professor Associado da 1ª Cátedra de Química Orgânica); **Fernando Andreasi** (Professor Associado da 7ª Cátedra de Zootecnia Geral, Genética Animal e Bromatologia) e **Mário Anunziata** (Médico Veterinário do Ambulatório e ex-docente da 2ª Cátedra Anatomia Descritiva dos Animais Domésticos).

A nova Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade de São Paulo passou a funcionar efetivamente, em 15 de maio de 1935, com aula magistral proferida pelo Professor Doutor Abílio Martins de Castro.

O ensino básico da FMV/USP foi instalado em prédio próprio, sito à Av. São Luiz 79, no centro da cidade de São Paulo, projetando-se realizar o ensino das matérias profissionalizantes de Clínicas Veterinárias, nas instalações da Rua Pires da Mota 159, onde estava instalada a Antiga Escola. Em 1937, com a extinção da antiga Escola de Medicina Veterinária, seu patrimônio - terreno e benfeitorias da Rua Pires da Mota foi transferido para a Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade de São Paulo. Sobre isto, Stopiglia 1962, relatou que se programaram e realizaram-se inúmeras adaptações e reformas, sendo que o projetado pavilhão das clínicas foi construído e inaugurado em 1944. "Por feliz coincidência", diz Stopiglia, "nasceram as Cadeiras de Clínicas, nas instalações da Pires da Mota, pertencentes ao Instituto Vacinogênico. O Decreto nº 7204, de 11 de junho de 1935 estabeleceu o Regulamento da Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade de São Paulo, que vigorou até o momento da Reforma Universitária, dando sempre uma adequada estabilidade ao ensino da Medicina Veterinária, até a reforma universitária de 1969, quando se extinguíram as cátedras, instituiu-se o ensino básico, centralizado em Institutos, criaram-se os Departamentos, estabeleceu-se a carreira docente, criando-se a função e dos Professores Titulares, mas isto é outra história, pois seus reflexos e os problemas criados, ainda, estão sendo vivenciados cotidianamente e, talvez, outros a contem em uma oportunidade semelhante a esta.

Na conclusão deste capítulo, cabe-nos meditar sobre conceito, anteriormente, apresentado: "*o reconhecimento das profissões se faz como uma consequência da excelência de seu ensino.*" O que acontecerá no decorrer desta fase da modernidade, representada pela indesejada disseminação de novos Cursos de Veterinária pelo Brasil: seria social e educacionalmente necessária a existência de quase 150 cursos no País, com quase um terço no Estado de São Paulo? Poderia então ser real, um novo conceito: "*Se a excelência do exercício profissional é consequência da qualidade do ensino oferecido, de forma equivalente a degradação de uma profissão inicia-se na péssima qualidade de seu ensino!*"

❖ O exercício profissional da Medicina Veterinária na atualidade: tendências e perspectivas.

Na atualidade, em nosso, País – como quase em todo o mundo, o médico veterinário é visto, pela maioria da população, como um clínico de animais de companhia (cães e gatos). Entretanto, a clínica de pequenos animais é apenas uma parcela das atividades possíveis de serem exercidas por esse profissional. Certamente, o exercício da Clínica, não só de cães e gatos, mas também de equinos, ruminantes, aves, suínos e animais silvestres, é ação muito importante para o bem estar da sociedade e fundamental para a saúde pública. Mas nem isso, faz dela o principal papel do Médico Veterinário.

Em um sentido amplo, poder-se-ia dizer que o médico veterinário está a serviço da sociedade, contribuindo com a conservação e melhoria da qualidade de vida do homem, e respeitando e protegendo a natureza. Dentre as atividades e habilidades adquiridas pelo médico veterinário durante sua formação estão: a produção e garantia de qualidade de alimentos de origem animal; o controle de zoonoses (doenças transmitidas do animal ao homem, ao exemplo da raiva, tuberculose e leishmaniose); o controle de

animais sinantrópicos (insetos, roedores, etc.); a proteção do meio ambiente em relação à poluição oriunda da produção de animais; e, finalmente, a manutenção da saúde e bem-estar dos animais de companhia.

Por suas características, a Medicina Veterinária se identifica com diversas outras profissões liberais, nos mais diferentes ramos de atuação: medicina na saúde pública; farmácia e química na produção de medicamentos veterinários e realização exames laboratoriais para confirmação de diagnósticos clínicos e da qualidade dos alimentos de origem animal; engenharia agrônoma, economia sustentável e zootecnia na produção de animais; psicologia no treinamento de animais de trabalho; advocacia no ramo da medicina legal e peritagem; marketing e administração de empresas dedicadas à produção de medicamentos veterinários e rações.

Por atuar em diversas áreas, o Médico Veterinário bem formado e preparado para o pleno exercício da profissão encontra um leque de oportunidades no mercado de trabalho. Na área governamental, há possibilidade de participação no planejamento, pesquisa e extensão rural, bem como em fiscalização ambiental. Na educação, o Médico Veterinário pode atuar como docente e pesquisador de universidades ou centros de pesquisa, contribuindo para a formação de novos profissionais ou aperfeiçoando os procedimentos técnicos de produção e sanidade animais. Na indústria de ração e medicamentos veterinários, o médico veterinário é requisitado para participar, tanto na área técnica e regulatória, como na produção laboratorial, na pesquisa, além de toda a área gerencial e comercial. No meio rural, área que absorve um grande número de profissionais, são exemplos de oportunidades para o médico veterinário: a clínica de ruminantes e eqüinos; a implantação de novas tecnologias para aumentar a produtividade; o gerenciamento de empreendimentos pecuários; a consultoria técnica em produção animal; a aplicação de programas sanitários em fazendas, entre outras inúmeras oportunidades.

Nos tempos atuais, evidenciaram-se os efeitos deletérios da descoberta e do desenvolvimento acelerado da agropecuária, induzindo a necessária e competente atuação dos Veterinários na preservação ambiental. A ecologia e a preservação do meio ambiente carecem de profissionais devidamente habilitados, quando e mais uma vez o Médico Veterinário pode contribuir, em face devido aos seus conhecimentos em relação ao correto descarte de resíduos de origem animal, e à preservação da fauna silvestre sempre ameaçada. Não se pode esquecer o imenso campo aberto ao Médico Veterinário, quando se pensa em clínica de animais de companhia, pois ao contrário do que se possa imaginar o mercado não está saturado, visto que os médicos veterinários diferenciados, com as necessárias especializações e visão de mercado, certamente, encontrarão seu espaço tanto no ramo comercial, como no da prestação de serviços.

OPORTUNIDADES DE TRABALHO PARA O MÉDICO VETERINÁRIO NA EMPRESA PRIVADA		
VENDAS E MARKETING	PÓS-VENDAS	TÉCNICO
Gerente de Unidade	Tele-atendimento	Projetos
Gerente Regional de Vendas	Atendimento ao Cliente	Pesquisa e Desenvolvimento
Representante Técnico		Assuntos Regulatórios
Promotor Técnico de Vendas		Legislação Ambiental
Estratégia de Negócios		Biotério
Análise de Mercado		Treinamento Técnico
		Farmaco-vigilância
		Responsabilidade Técnica

Além de todos os nichos já citados como oportunidades para o médico veterinário, deve-se lembrar que é exigida por lei a presença de um Responsável Técnico Veterinário em todo empreendimento onde haja criação, manutenção e venda de animais domésticos, silvestres e exóticos, e de produtos de uso veterinário. Assim sendo, as indústrias de laticínios, os abatedouros e processadores de carne, as cooperativas, as granjas avícolas e de suínos, os produtores de mel, de peixes e camarões, e as grandes redes de supermercados estão constantemente à procura de pessoal com formação médico-veterinário capazes de garantir a qualidade dos produtos oferecidos ao mercado.

Ensino e empregabilidade

Muitos recém formados têm se queixado das condições da escassa empregabilidade, pois limitadas são as possibilidades de emprego ao término do curso de graduação. A essa deficiência de oferta de empregos, aliada à rápida evolução da tecnologia, aos processos de modernização, à necessidade de rígido e mais abrangente controle ambiental, e às constantes renovação e evolução do mercado são aspectos da vida moderna que a Universidade, por sua própria natureza conservadora, não as incluem nos projetos pedagógicos com a mesma velocidade. Embora tente acompanhar a evolução das necessidades da sociedade, a Academia não consegue abranger todas as tendências e se adaptar às vicissitudes do mercado. Em contrapartida, para suprir essa falha, a Universidade na formação de seus estudantes ensina o método, fornece os conhecimentos básicos, apresenta as técnicas e mostra os caminhos possíveis para a capacitação e atualização nas diversas especialidades. Aos formandos cabe a responsabilidade de procurar, nas áreas elegidas por eles mesmos: atualizações em estágios, filiações a associações, participação em congressos, leitura de textos e artigos especializados, e frequência a bibliotecas, no afã do aperfeiçoamento. Apenas dessa maneira o futuro profissional estará bem formado para enfrentar as necessidades cada vez mais complexas do mercado.

SITUAÇÃO DO MÉDICO VETERINÁRIO NO MERCADO DE TRABALHO (2006)

Faculdades de Medicina Veterinária no Brasil	136
Vagas Oferecidas para Alunos no Brasil	14.736
Médicos Veterinários Cadastrados no Brasil	46.000
Médicos Veterinários Atuantes no Brasil	35.000
Médicos Veterinários Atuantes na Indústria	1.800

Vale ressaltar também que, além dos conhecimentos técnicos adquiridos durante a vida acadêmica, é essencial que o recém-formado possua conhecimentos em áreas mais abrangentes, como o domínio de línguas estrangeiras, de computação, tenha noções de administração, economia e comunicação, cabendo, ainda ao jovem estudante ou ao recém-formado ir à busca de formação extracurricular, que o coloca em posição privilegiada no mercado de trabalho.

PERFIL IDEAL DE UM CANDIDATO A EMPREGO NO SETOR PRIVADO

Capacidade de Comunicação	Espírito de Liderança
Flexibilidade	Pró-atividade
Capacidade de Trabalhar em Equipe	Capacidade de Relacionamento
Espírito Empreendedor	Fluência em 2º Idioma (Inglês)
Capacidade de Tomada de Decisões	Capacidade de Avaliação e Controle
Conhecimentos em Informática	Experiência na Área
Cursos de Extensão	Disponibilidade para Viagens

Bibliografia Consultada

BARROS, G.C., O ensino da Medicina Veterinária no Brasil: situação atual e perspectivas. Monografia CFMV, Brasília-DF, 1991.

BIRGEL, E.H., USP: Veterinária tem lugar de destaque entre escolas do país. *Rev. Cons. Fed. Med. Vet.* Brasília, DF, Ano 1(2):31-34, 1995.

BIRGEL, E.H., A história da Faculdade (FMVZ-USP) **Semana Histórico Cultural alusiva os 60 anos da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia – Anais, p.5 – 24, 1995.**

CÂMARA, B.P.; RAMOS, B.K.C., Instituto de Veterinária de São Paulo
Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930 Casa de
Oswaldo Cruz/Fiocruz– (<http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br>)

CÂMARA, B.P.; RAMOS, B.K.C., Escola Agrícola e Veterinária do Mosteiro de São
Bento de Olinda - Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil
(1832-1930 Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz(<http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br>

GERMINIANI, C.L.B., L'enseignement Vétérinaire au Brésil. *Revue de Méd. Vét.*,
Toulouse, França, **35**:971-985, 1972.

GERMINIANI, C.L.B., A história da medicina veterinária no Brasil
Arch. Vet. Scienc. **3**(1):1-8, 1998

HATSCHBACH, P.I., Síntese da História da Medicina Veterinária- Pagina do CFMV,
Brasília-DF

HATSCHBACH, P.I. Origem e evolução do Curso de Medicina Veterinária da
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. *A Hora Veterinária*. Porto Alegre, RS.,
Ano 6(36):25 1987.

HATSCHBACH, P.I. Origem e desenvolvimento do Ensino de Medicina Veterinária no
Brasil. *A Hora Veterinária*. Porto Alegre, RS., Ano **11**(62):41-46, 1991.

HATSCHBACH, P.I. Medicina Veterinária Militar no Brasil: Fundação EsVE. Escola
de Veterinária do Exército. *A Hora Veterinária*. Porto Alegre, Ano **13**(78):56, 1994

MACIEL, G.A. A História da Veterinária Militar. *Revista do Conselho Fed. de Med.*
Vet. Brasília, DF, ano **3**(9): 22-23, 1997

MARTINS, E.O., Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia – Universidade de
São Paulo, São Paulo 1995

MELO, L.E.H.; MAGALHÃES, F.O.; ALMEIDA, A.V.; CÂMARA, C.A.G., De
alveitares a veterinários: notas históricas sobre a medicina animal e a Escola Superior de
Medicina Veterinária São Bento de Olinda, Pernambuco (1912-1926) - *Hist. cienc.*
saude-Manguinhos vol.17 nº.1- Rio de Janeiro, Jan./Mar. 2010

SANTOS M.M. e FRAGATA F.S. Emergências e Terapia Intensiva Veterinária em
Pequenos Animais – Apostilas do SEBRAE - As qualidades e habilidades desejáveis no
médico veterinário, p.41-61.

STOPIGLIA, A.V., Evolução histórica da Cirurgia Veterinária em São Paulo.
Sociedade Paulista de História da Medicina – Palestra – São Paulo-SP,1962)